SENSIBILIDADE E DIVERSIDADE NO ENSINO DE ARTE

DANIELA HENRIQUE LOPES

RESUMO:
Este artigo é resultado de uma pesquisa cujo objetivo é perceber a importância das diversidade que há nas manifestações artísticas da Arte enquanto disciplina extrapola os muros escolares, ou seja, temos uma escola cada vez mais diversa e existe a necessidade para educar para a sensibilidade de ver, maravilhar-se e encantar-se com o mundo, com as coisas e com as possibilidades que o conhecimento proporciona para os seres humanos para a construção de uma sociedade mais sensível e mais humana em que o ser humano é visto na sua totalidade. A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e conta com os aportes teórico metodológicos de Chauí (2003); Coelho (1999); Duarte Jr. (1991, 2000, 2004); Iavelberg (2003); Le Breton (2003, 2007) entre outros que abordam a temática proposta. A Arte vai além de uma simples leitura e representação, compete ao ser humano se sensibilizar em uma Escola em constante transformação em o desafio e aceitar as mudanças no processo de ensino-aprendizagem de forma que a Escola se torne cada vez mais diversa, humana, sensível e que prepare os novos cidadãos para os novos paradigmas que a sociedade contemporânea na imanência da história.

Palavras-chave: Diversidade; Arte; Sensibilidade; Ensino; Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em diversidade está implícito no termo tudo que foge à regra de determinado contexto, sabemos que a arte transgride, mas se pensarmos com relações as questões étnicas, raciais, religiosas, sexuais, enfim, isso não exige um aparato técnico e nem uma formação específica para que se desenvolva essa sensibilidade, ou seja, essa construção para o sensível que a arte preconiza.

Se optou em abordar em sala de aula, no currículo como forma de habilitar crianças, adolescentes, jovens e adultos em ambientes formais e não formais com a formação específica para o professor do ensino de arte com o diferencial que gira em torno da formação do profissional que irá trabalhar com a diversidade de público e a diversidade de espaços nos diferentes ambientes.

O ensino de Arte proporciona o conhecimento sobre a sua cultura e sobre a cultura dos diferentes povos podendo se expressar em relação a tudo isso. Pensando nas diferentes formas de expressão se aborda pintura, escultura, desenho, fotografia, música, teatro que contribuem para que o aluno possa desenvolver no contexto escolar as diferentes possibilidades.

O professor de arte precisa conhecer e desenvolver o olhar artístico nos alunos para que a sensibilidades possa estar presente na vida das pessoas com as condições de possibilidade de transformarmos as relações que se estabelecem no cotidiano em que vivemos por meio do olhar estético em que mudamos ao perceber que é possível mudar por meio da arte.

A cultura da arte transcende além do real estabelecendo vínculos que vão extra salas de aulas, contribuindo assim com a formação dos futuros profissionais de arte com o desenvolvimento de projetos e oficinas que podem ser vivenciados por todos que desejam uma formação continuada e diversa nas artes que se dinamiza constantemente.

A Arte questiona, indaga, faz perguntas que não necessariamente precisam ser respondidas, mas também educa o ser humano para a sensibilidade que a vida propõe e que está para além do mundo inteligível e que a emoção coordenada e faz o mundo ter olhos próprios de quem interage com a própria vida pelos sentidos em seu próprio existir.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 SENSIBILIDADE E DIVERSIDADE NO ENSINO DE ARTE

Quando se pensa em arte logo nos vem à mente os lugares consagrados os museus, os livros de arte, as grandes exposições, as grandes galerias, os grandes espaços virtuais hoje em dia, no entanto, se apurarmos o nosso olhar, acerca do mundo em que estamos inseridos podemos mudar esse conceito de

onde a arte está guardada para o lugar onde a arte ocupa este lugar e, assim, ampliamos o olhar para a realidade que nos cerca e para as coisas que estão à nossa volta.

Sem limites para criar, o ser humano interfere e transforma no qual está inserido: carros, casas, ruas, espaços da cidade, espaços do corpo, enfim, o ser humano tem uma necessidade de mostrar a sua presença no planeta, por isso ele transforma os espaços. Segundo Chauí (2003), "o artista é um ser social que busca exprimir seu modo de estar no mundo na companhia de outros seres humanos, reflete sobre a sociedade, volta-se para ela, para criticá-la, seja para afirmá-la, seja para superá-la (CHAUÍ, 2003, p. 150).

A importância da Arte na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental é de fundamental para o desenvolvimento da criança que está desenvolvendo as formas de expressar suas ideias, suas emoções nesse contato que estabelece com o outro, nesse sentido, a arte tem um papel de extrema importância para esse desenvolvimento.

O bebê se comunica com o mundo por meio dos sentidos pelo cheiro, pelo olhar, pela visão, pela audição e a curiosidade o desperta para o mundo em querer compreender o que está a sua volta e contato com vai fazendo com a mãe e com as demais pessoas que vão compondo seu mundo e suas relações.

Na Escola de Educação Infantil é muito bem explorada a questão corpo, dos sentidos que juntamente com a Escola, a família e a sociedade vão travando essa expressão e arte vem como possibilidade de desenvolver essa ligação com o mundo por meio de suas várias linguagens que possibilita aos seres humanos essa experiência de vivenciar o mundo de uma forma singular.

Nessa fase inicial da fala a criança vai se comunicando e dizendo o que quer e o que deseja e a arte trabalha a expressão, ou seja, organiza essas vontades e essas emoções em se expressar de várias formas e meios não só pela linguagem verbal, mas pela imaginação, pela percepção, ato criativo, imitações, tocando, experimentações, manipulações de objetos e a arte tem um papel de fundamental importância no desenvolvimento corporal da criança na educação dos sentidos. Segundo Iavelberg (2003), cabe ao professor fazer a mediação entre o público e a obra de arte é ensinar arte, apresentar objetos artísticos específicos e também educar com arte. Do ponto de vista da didática da arte, o educador cria ao fazer a mediação das obras e, nesse sentido, vive momentos análogos aos do artista em seu espaço de trabalho (IAVELBERG, 2003, p. 77).

Por outro lado, sabemos que a mediação da aquisição de conhecimento está nas mãos dos professores de arte que na escola tem um papel de extrema importância no desenvolvimento cognitivo da criança, sobretudo no processo de aprendizagem, por meio das atividades de coordenação motora, nas socializações de relacionamento interpessoal, mas para além da percepção tem a organização dos materiais.

É de extrema importância olhar ao que acontece em seu entorno, reparando, observando mais deforma mais detalhada nas formas como as coisas se dão no cotidiano e nas relações que se estabelecem e como o mundo se apresenta dando subsídios para que a criança tenha materiais sonoros, objetos, enfim do seu cotidiano para que inicie a organização para que se adquira um certo significado para ela dentro do seu espaço de convivência em que a alteridade é possível.

A importância da arte para o processo de ensino-aprendizagem se dá pela mediação do professor de pedagogia com as crianças em sua regência no aprendizado que as crianças vão fazendo nas séries iniciais e vê a sua importância para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, social, interacional da criança.

Por outro lado, é preciso ter a consciência de que nenhuma formação dá conta de tudo, ou seja, o pedagogo que se interessa mais pela arte vai atuar na Educação Infantil e nas séries iniciais que quanto mais aprender sobre arte melhor porque o estamos acostumados a ver é a questão da apropriação da arte como um meio para outra coisa e não a arte em si.

Segundo Kujawski (1988), a diversidade presente em nossa cultura vai além-mar e supera os preconceitos e as ideias retrógradas acerca de nosso povo e nossa cultura que compõe o cenário do tecido social brasileiro.

[...] o Brasil é muito mais antigo e muito mais do que o futebol, o carnaval e a mulata. O Brasil é, em primeiro lugar, a vitalidade criadora do barroco (dos quais o carnaval e o futebol

são aspectos particulares). O Brasil é o século XVII baiano, o século XVIII mineiro e o século XIX fluminense, dividido entre a corte e a vida nas fazendas patriarcais. O Brasil é aquela forma de sociabilidade convergente, ensaiada na aliança entre a casa-grande e a senzala, na aproximação não conflituosa entre os extremos. O Brasil foi um império, o que não é dizer pouco, pois graças a essa singularidade manteve-se coeso e indiviso até hoje. O Brasil é seus grandes escritores e artistas — os poetas românticos, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade; os pintores da belle époque que hoje só os marchands de quadros parecem conhecer, um Almeida Júnior, um Clodomiro Amazonas, um Benedito Calixto, para não falar nos modernos Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Guignard, Pancetti ou Ismael Nery. E essa reserva de genialidade que daria para consumo não só do nosso país, como de todo o continente, um dos maiores compositores de todos os tempos, mestre Vila-Lobos. O Brasil natural é uma fauna e uma flora desconcertantes de riqueza, e ainda em grande parte por classificar. O Brasil é também sua misteriosa realidade sertaneja, e uma realidade caipira envergonhada de si mesma, como se não encerrasse vislumbres preciosos de sabedoria da vida e de lição de coisas (KUJAWSKI, 1988, pp. 206-207).

A dimensão da arte tem muito conhecimento e há muito a ser ensinado e quanto mais consciência do professor a respeito disso melhor será o aprendizado melhor será o trabalho que desenvolverá junto aos seus alunos de forma criativa, criadora e libertadora com intervenção melhor e direcionada da própria diversidade que arte proporciona para não haver o esvaziamento do conteúdo de arte no processo de ensinoaprendizagem.

Por trás dos recursos se pode trabalhar vários conteúdos que sejam significativos e que possam auxiliar para que a criança tenha clareza e que permitam uma intervenção melhor do professor pedagogo de forma mais consciente e mais direcional de forma que as linguagens uma das que mais são trabalhadas são as artes visuais e que a Lei de Nº 13.278 referenda as quatro linguagens dentro do conteúdo da arte precisariam estar contempladas que são: música, artes visuais, dança e teatro (BRASIL, 2016).

Me parece que na Escola existe na prática é as Artes Visuais até pela formação dos professores e pelo traço sociocultural e a forma como isso foi se constituindo na educação brasileira, após música em segundo lugar, as artes cênicas, o teatro e a dança é a preterida nesse sentido por questões diversas como formação dos professores, conhecimento e até por conta ada infraestrutura que é mais fácil dar desenho o que não interfere porque música, dança, teatro envolve toda uma outra questão de movimento e concepção de escola, de organização escolar e de aprendizagem.

Para Iavelberg (2003):

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar (IAVELBERG, 2003, p. 10).

Me parece que é de extrema importância ressaltar a presença da literatura que está presente, mas nas aulas de Língua Portuguesa separada da área artística que é questão da formação do Ensino Superior que fragmentado, ou seja, quem é de Arte não aborda quem é da Literatura e quem é da Literatura não aborda quem é de Arte e isso na Escola é reproduzido. Não nos damos conta que a Literatura aparece como exigência, mas de forma analítica, de textos, geralmente podendo ser explorado de forma mais integrada.

A criança utiliza arte de forma integrada nas suas brincadeiras e nas suas interações, então, a arte está muito presente no universo infantil. A música e a dança estão muito interligadas por meio das brincadeiras de roda, das brincadeiras de mão que cada vez vemos menos devido a interferência dos meios de comunicação digitais que permeiam nossas relações com inserções práticas com jogos interacionais aproveitando o universo infantil para trabalhar determinados conteúdos.

A tríade da produção, da fruição e da reflexão que tem sua limitação por causa da fase que a criança está passando no segmento da Educação Infantil ou das séries iniciais do Ensino

Fundamental, mas esses são os três grandes quesitos que norteiam o ensino da arte e que recebem outros nomes, mas que o nível de aprofundamento é que muda de acordo com o próprio desenvolvimento.

A fruição envolver as questões de aprendizagem e do perceber as manifestações artísticas, perceber a arte, perceber o mundo à sua volta de uma forma que possa compreender de que forma é organizado em relação a visualidade, a corporeidade, a sonoridade de forma interativa.

A criança começa com a experimentação dos materiais, por exemplo o bater de palmas, ou seja, o combinar formas, sons, movimentos, está experimentando os materiais da arte, então começa a manipular esses materiais que vê em outros lugares que vê nos próprios exemplos dados e fornecidos pelos professores que pode ser o pedagogo ou o de Arte, mas que se inicia esse processo pela imitação, mas que logo evolui para a criação.

Segundo Martins (2005),

[...] 'mediar é estar entre'. Um estar, contudo, que não é passivo nem fixo, mas ativo, flexível, propositor. Um estar entre que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor. Entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe. [...] Um "estar entre" atento e observador, no olhar e na escuta, para gerar questões que apenas têm sentido se provocam a reflexão, a conversação, a troca entre parceiros. Um estar entre que precisa cada vez mais ser apurado. Por isso continuamos como um grupo sedento (MARTINS, p. 54).

O criar está pensado no aspecto pedagógico no sentido de cada um criar dentro de sua capacidade, por meio de seu repertório, de sua bagagem que nas crianças as coisas mínimas já são o começo de uma potencialidade que se desenvolverá ao longo do tempo com o acompanhamento teórico e cognitivo adequado para cada etapa do seu desenvolvimento.

A reflexão e a contextualização possibilita a compreensão do entendimento acerca da arte com o aprofundamento de uma técnica que exige uma trajetória maior e do nível de cognição que os alunos estão, isso dá suporte, mas o que está na base é o fazer e isso as crianças tem disposição e energia de sobra para fazer, criar, recriar, reinventar, produzir e, por fim, compreender o que foi feito que amplia o seu próprio repertório que é fundamental no processo de aprendizagem na diversificação da arte.

Portanto, é preciso considerar o contexto onde o aprendizado se concretiza, ou seja, ou chão da escola onde as relações se dão e a aprendizagem acontece não pode ser deixado de lado, caso isso aconteça se corre o risco de pôr xeque todo o processo de ensino e das descobertas que a própria arte proporciona na vida das crianças no seu aprendizado.

O papel do professor é de fundamental importância nesse processo que do despertar para as descobertas que a criança vai fazendo a partir da diversidade que a arte proporciona para que o seu repertório seja ampliado por meio da música, das artes visuais, do teatro, da dança, do desenho, da escultura, da observação atenta da natureza, da interação das crianças com a natureza de forma dirigida sendo observada pelo professor, enfim, existem muitos recursos que possibilitam o enriquecimento e o aprofundamento na aquisição do conhecimento.

Para Bondía Larrosa (2002),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que se toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDÍA LARROSA, 2002, p. 21).

Por outro lado, penso que a Arte educa os sentidos que leva em conta o fazer ativo, ou seja a produção, mas não só como um desenvolvimento cognitivo, no entanto, não se pode ignorar o aspecto prático de experienciar e pensar sobre aquilo que se experimenta, se experiencia e isso é permeado pela educação do sensível que possibilita uma infinidade de possibilidades aos seres humanos que podem por meio do mundo inteligível conhecer, mas que a educação, a sensibilidade e a arte irão proporcionar infinitas possibilidades do ser humano ser e estar no mundo.

2.2 EDUCAÇÃO, SENSIBILIDADE E ARTE

A Educação do sensível ou a educação da sensibilidade que para a sua compreensão necessita da explanação de alguns conceitos gerais para o entendimento.

Tudo se origina da palavra grega “aisthesis” que significa sentir o mundo, mas esse sentir o mundo não era meramente a sensação, ou seja, no ato de sentir o mundo já se dá um sentido para o próprio mundo, lhe atribuímos um significado. É sentir com sentido, com significação, por exemplo, o corpo do ser humano dá significação para o mundo por meio das suas significações que vai sentindo.

Contemporâneo de Kant, no século XVIII, o filósofo Alexandre Baumgarten se utilizou dessa palavra “aisthesis” para criar a palavra “estética” que deriva de “aisthesis” como sendo uma área do conhecimento obtida através dos sentidos (conhecimento sensível). Portanto, estética é a filosofia, a ciência ou o pensamento da capacidade humana para o sensível, da capacidade humana de dar sentido ao mundo através dos sentidos.

Existem duas formas de conhecimento de mundo, um é por meio do saber sensível, ou seja, é esse saber primeiro que temo das coisas a partir dos nossos órgãos, dos nossos sentidos que temos sobre o mundo. O outro, que nos tornou humanos é o conhecimento inteligível que é aquele que construímos com o intelecto, com a inteligência, conhecimento inteligível é todo aquele que é baseado nas palavras em primeiro lugar, nós representamos o mundo e podemos pensar o mundo, esse é o conhecimento inteligível (DUARTE JR., 2004).

Na verdade, o jogo do conhecimento humano, o jogo da vida humana é uma articulação entre o saber sensível e o conhecimento inteligível, o saber sensível possibilita ao ser humano saborear o mundo por meio dos sentidos e temos com isso a construção de um saber sensível.

O saber sensível é educado, é desenvolvido. Quando se aprende a dirigir, por exemplo, se está fazendo o treino do saber sensível vai sendo incorporado em nossas ações corporais vai se desenvolvendo em nossas ações que vão sendo estabelecidas e vão norteando nossas relações que vamos concretizando com as pessoas que convivemos, trabalhamos e tecemos nossas vidas.

O que se percebe que há hoje uma ânsia em aprender a ler e a escrever e a aprender códigos às vezes simbólicos, abstratos deixando etapas do fazer, do experimentar corporal, essa ansiedade por conta da própria sociedade em querer respostas diretas e rápidas para não perder tempo em um processo que depende da maturação do desenvolvimento humano que tem outro ritmo.

O fazer corporal deveria estar em todas as áreas do conhecimento, mas na arte está muito presente e de forma intensa devido a diversidade que a própria arte proporciona até mesmo na habilidade de escrever, de ler, de estar e se portar no grupo, na família, na escola, no mundo, na sociedade.

Duarte Jr. (2004), afirma que na educação sensível o ser humano precisa maravilhar-se com mundo e que isso se perde com a escola e com a sociedade e que precisa ser resgatado.

O ser humano em determinado momento da vida precisa se reconhecer e reconhecer as potencialidades do seu corpo, da sua expressão e para isso é fundamental o entendimento da experiência estética como fundamento para o desenvolvimento humano, uma vez que a estética envolve o lado sensível por meio da experiência de viver um banho de chuva, a brincadeira de roda, a dança de uma música, a história contada em um teatro, a observação deum obra de arte, ouvir uma música e depois cantar juntar junto e viver algo inexplicável a partir da experiência vivenciada, uma vez que se torna algo inexplicável por mais que o discurso tente dar conta daquilo que se viveu.

Portanto, esse aspecto é fundamental para a aprendizagem propiciar o encantamento e a vontade de vivenciar e de querer saber mais sobre o desconhecido que entramos na fruição, no entendimento e, também no cognitivo em que o simbolizar, o dar sentido, o ressignificar é fundamental e isso é uma tarefa em que a Escola deve se preocupar e a experiência estética proporciona isso na diversidade que a arte proporciona ao ser humano que está disposto a se superar e a se tornar sensível diante de um mundo caótico e fragmentado mas que tudo dependerá de como olhamos e como experimentamos aquilo que

vivemos nas relações que estabelecemos diariamente.

Segundo Duarte Jr. (2004), a ideia de civilização foi construída em cima do conhecimento inteligível – todo o desenvolvimento da civilização, da filosofia, ciência, arte tudo isso foi de uma certa maneira desenvolvido por meio de uma hipertrofia do conhecimento inteligível.

A modernidade como um período histórico vai proporcionando a separação dos conhecimentos que iniciam o processo de separação e a se firmar como produtos da mente humana. Temos o surgimento da ciência que se separa da Filosofia, a arte vai se tornando um campo autônomo do conhecimento e assim vai sendo construído o mundo moderno basicamente sobre o conhecimento inteligível, ou seja, a ideia de que a razão, o conhecimento inteligível irá libertar o ser humano e isso é experimentado no movimento Iluminista e é o que vem regendo durante séculos até chegar nos dias atuais.

Temos o discurso de que a razão nos libertará e que de hora em hora tudo melhora, essa foi a utopia que motivou todo o século XIX – considerado o século da ciência, o século da tecnologia, máquina a vapor, telégrafo e assim por diante. Se tem a ideia de que a tecnologia, a ciência, a razão humana libertará o ser humano foi sendo alimentada e perpassou durante os séculos da modernidade.

O valor da razão fez com que se descuidasse do valor sensível que o ser humano possui e que precisa ser resgatado em seu cotidiano existencial, todas as escolas, toda a educação formal foi feita no sentido de se educar o sentimento inteligível, ou seja, se educar o intelecto, se educar a razão.

O saber sensível sempre foi deixado de lado na educação formal. Quando se aborda a questão da educação sensível está se referindo a educação do corpo uma vez que, o corpo é o primeiro que acessa a realidade e dá um sentido para essa realidade e que depois o pensamento transforma em signos e símbolos, partindo desse pressuposto se tem a certeza de que a educação sensível é fundamentalmente a educação do corpo. ´

Aqui não se está se referindo ao movimento corporal, ao movimento que a educação física proporciona ao corpo, mas sim, ao movimento da educação sensível que desenvolve os cinco sentidos e outros sentidos que os filósofos, os psicólogos, os neurocientistas estão descobrindo em estudos recentes.

Para Duarte Jr. (2004), de uma certa maneira o próprio corpo do ser humano foi colocado de lado nas escolas, na educação e foi sendo desprezado enquanto conhecimento, enquanto fonte do saber, mas paradoxalmente contrário a isso que estamos refletindo a contemporaneidade se vê um certo culto ao corpo colocado em um primeiro plano. Será que descuidamos da educação do sensível?

Maffesoli (1998) pontua que

cabe lembrar que ater-se à vivência, à experiência sensível, não é comprazerse numa qualquer delectatio nescire, ou negação do saber, como é costume crer, por demais frequentemente, da parte daqueles que não estão à vontade senão dentro dos sistemas e conceitos desencarnados. Muito pelo contrário, trata-se de enriquecer o saber, de mostrar que um conhecimento digno deste nome só pode estar organicamente ligado ao objeto que é o seu. É recusar a separação, o famoso "corte epistemológico" que supostamente marcava a qualidade científica de uma reflexão. É, por fim, reconhecer que, assim como a paixão está em ação na vida social, também tem seu lugar na análise que pretende compreender esta última. Em suma, é pôr em ação uma forma de empatia, e abandonar a sobranceira visão impositiva e a arrogante superioridade que são, conscientemente ou não, apanágio da intelligentsia (MAFESOLI, 1988, p. 176).

O corpo que volta ao primeiro plano hoje e o que vemos nas Academias é um corpo que é visto como máquina em uma engrenagem dentro de um sistema, ou seja, é um corpo em evidência como um corpo espetacular, sarado, bombado, marombado, tanquinho, sequinho, com falsa barriga, quer dizer que uma das deseducações presentes na mídia na sociedade contemporânea é a construção de um corpo espetacular que é aquele corpo produzido industrialmente com padrões alheios a vida humana, ou seja, é aquele corpo construído com silicone, com todos os energéticos, anabolizantes e bombas necessários para ficar sarado, sarada e tudo mais que a sociedade do espetáculo exige e espera de um corpo que está na produção industrialmente.

Duarte Jr. (2004), em sua tese de doutorado

propõe uma educação sensível que vai contra todo esse movimento do culto ao corpo, do corpo espetacular, desse corpo que é produzido como se fosse em uma antiga linha de produção e isso é totalmente o oposto da educação sensível que está presente na arte e sua diversidade e se concretiza na estética e na forma de ver e estar no mundo contemporâneo.

Le Breton (2003), filósofo e sociólogo francês trabalha basicamente com a questão o corpo na modernidade, em sua obra "Adeus ao Corpo" ele faz uma dura crítica à sociedade contemporânea e das várias ciências de como elas veem o corpo na contemporaneidade.

Le Breton (2007), defende que na contemporaneidade temos uma busca pela perfeição, ou seja, o corpo servindo de espetáculo para ser visto, admirado, cultuado de um lado e, do outro, temos a crise e epidemia de obesidade que ataca milhões de pessoas no mundo em que vivemos, ou seja o corpo largado e aí temos as duas faces da mesma moeda: o corpo e o sensível.

O que precisa ficar claro é que o corpo do ser humano é também produto da publicidade, ou seja, o tempo todo a televisão, os jornais, a mídia anunciam que tal produto facilita a vida do ser humano e que não precisa ter trabalho, isto é, pode estar sentado assistindo televisão enquanto a máquina trabalha pelo ser humano, isso significa dizer que toda publicidade contemporânea é baseada, está calcada no fato do ser humano não se movimentar, em ficar passivo, parado enquanto as coisas vão acontecendo pelo produto ou pela máquina que realiza o trabalho que uma vez era humano.

Vivemos e presenciamos uma contemporaneidade enormemente deseducadora dos sentidos em nome de uma vida mais tecnológica, mais nova, com muitas novidades para se viver mais e melhor. A grande questão que se coloca é em que medida a tecnologia pode nos desumanizar a não melhorar a nossa vida e as relações que estabelecemos em nosso cotidiano?

Portanto, a sensibilidade que a arte proporciona aos seres humanos está ligada à nossa moradia, ao nosso passeio, o nosso andar pela cidade, com o que a gente come, o que a gente respira, está ligado ao nosso trabalho de certa maneira são sintomas dessa sensibilidade que o ser humano desenvolve e que vai e está para além da razão chegando a um estado em que a estética é capaz de produzir as sensações de sensibilidade no ser humano diante dos fatos, das coisas, da vida que pulsa.

Sennett (2009), nos remete às transformações materiais que se dão na relação do homem ao transformar a natureza e ao dominar a vida que proporcionam transformação em sua consciência diante o seu existir:

A metamorfose que mais desafia o fabricante a manter conscientemente a forma será talvez a "mudança de domínio". Esta expressão – de minha lavra – remete à maneira como determinada ferramenta, utilizada inicialmente para certa finalidade, pode ser aplicada em outra tarefa, ou como o princípio que orienta uma prática pode ser aplicado a outra atividade completamente diferente. As formas-tipo desenvolvem-se por assim dizer no interior de um país; as mudanças de domínio atravessam as fronteiras (SENNETT, 2009, p. 146).

O autor discute como que o ser humano precisa se dedicar para ficar bom em alguma coisa é preciso muito esforço, muito trabalho e isso é exaustivo, desgastante, exigente, mas é isso que faz com que o ser humano eduque o seu corpo e eduque sua sensibilidade.

A educação do sensível vem e se apresenta com a proposta de que o ser humano eduque o sensível por meio dos sentidos e isso não tem a ver só com a arte, a arte-educação ou a educação através da arte, essa me parece ser apenas uma das dimensões da educação do sensível.

É preciso urgentemente aprender a educar os sentidos fazendo uma conexão com o pensamento inteligível, uma vez que se todo conhecimento começa no corpo e termina no cérebro e volta pro corpo que volta pro cérebro, o corpo, nesse sentido, precisa ser visto como uma fonte de preocupação para a educação seja a educação formal ou não formal (LYOTARD, 1986).

O ser humano tem a necessidade da mediação, educar-se para a sensibilidade que a arte proporciona vai além da arte e pode transformar, libertar e possibilitar novas formas de aquisição de conhecimento de apreciação de relações humanas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano escolar nos chama a atenção para termos sensibilidade de nos desacomodarmos, saímos de nós mesmos e nos encontrar em nossos alunos que nos tocam e quando tocamos nossos alunos, deixamos nossas digitais para sempre em suas vidas.

O preconceito, a estranheza, a curiosidade, a falta de manejo, a falta de sensibilidade e a falta de recursos nos fazem muitas vezes desanimar e muitas vezes temos dificuldades em ver a riqueza que há na diversidade humana que se estão diante de nós em nossa regência em sala de aula e que precisam ser educadas para a sensibilidade em um mundo onde a insensibilidade e a técnica predominam.

O ser humano precisa do cognitivo, mas precisa da vivência prática, do experimentar, do experienciar, do vivenciar tentando entender com essa paixão, com esse maravilhar-se um mundo em constante transformação.

Nossos alunos precisam serem acolhidos, inseridos no ambiente e no contexto escolar. A convivência se dá no coletivo, mas é nas relações que estabelecemos com nossos alunos que o conhecimento é adquirido. Muitas vezes a forma como tocamos nossos alunos será a forma deles verem a vida e estarem no mundo.

Para se atingir a diversidade da arte em nossa prática docente exige um trabalho coletivo, as práticas pedagógicas inseridas e engajadas no contexto onde o aprendizado acontece com a valorização do ser humano, a subjetividade humana e a coletividade no sentido de entender porque o outro é diferente e é ativo no processo de construção do conhecimento e do fazer artístico e não só os aspectos cognitivos, a imitação, a técnica.

É preciso trabalhar a humanização, o conhecimento próprio, o conhecimento do mundo, o conhecimento do outro, uma vez que o ser humano ao se expressar melhor suas ideias, emoções isso pressupões a compreensão do porque o outro ser diferente de mim e o que é possível de diálogo com respeito à diversidade que se torna a riqueza que há em cada ser humano.

REFERÊNCIAS

BONDÍA LARROSA, J. Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Nº 19, pp. 20-28, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEB, 1996.

BRASIL. Lei Nº 13.278, de 02 de Maio de 2016. Altera o § 6º do Art. 26 da Lei Nº 9.394, de 20 e dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação nacional, referente ao Ensino de Arte. Brasília: MEC, 2016.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, T. Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário. 2. Ed. São Paulo: FAPESP, 1999.

DUARTE JR., João Francisco. Por Que Arte-Educação? 6. Ed. Campinas: Papirus, 1991.

DUARTE JR., João Francisco. O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2000.

DUARTE JR., João Francisco. O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível. 3. Ed. Curitiba: Criar, 2004.

IAVELBERG, R. Para Gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. A Crise do Século XX. São Paulo: Ática, 1988.

LE BRETON, David. Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. A Sociologia do Corpo. 2. Ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAFFESOLI, Michel. Elogio da Razão Sensível. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARTINS, M. C. Mediação: Estudos Iniciais de um Conceito. In: MARTINS, M. C. Mediação: Provocações Estéticas. São Paulo: UNESP, 2005.

LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SENNETT, Richard. O Artífice. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.